

A TEIA SINTOMÁTICA ENTRE O CONSUMO E O CONSUMISMO¹

THE SYMPTOMATIC WEB BETWEEN CONSUMPTION AND CONSUMPTIONISM
LA RED SINTOMÁTICA ENTRE CONSUMO Y CONSUMISMO

Alan César Dias Amaral²

Maycon Rodrigo da Silveira Torres³

Resumo: O objetivo deste texto é fazer uma possível associação teórica entre as ideias de consumo e o conceito de falta em psicanálise. Com o apoio da literatura psicanalítica e a estrutura do discurso do sujeito frente à relação de consumo, foi feita uma imersão na discussão sobre a linguagem e o inconsciente para identificar a relação psíquica que dialoga com a prática do consumo cotidiano e suas manifestações sociais e éticas. Visa-se a entender melhor a estrutura do simbólico discurso capitalista e trazer algumas respostas possíveis sobre as manifestações de cada sujeito. Cotejou-se a identificação imediata do ciclo do consumo do sujeito como busca do preenchimento deste vazio, que vai além do substancial e necessário, e se estende à tentativa, sem êxito, de alcançar a felicidade eterna, retornando inconscientemente ao estágio anterior à castração.

Palavras-chave: Consumo. Discurso. Linguagem. Sujeito. Psicanálise.

Abstract: The objective of this text is to make a possible theoretical association between the ideas of consumption and the concept of lack in psychoanalysis. With the support of psychoanalytical literature and the structure of the subject's discourse in relation to consumption, an immersion was made in the discussion about language and the unconscious to identify the psychic relationship that dialogues with the practice of everyday consumption and its social and ethical manifestations. The aim is to better understand the structure of the symbolic capitalist discourse and bring some possible answers about the manifestations of each subject. The immediate identification of the subject's cycle of consumption was analyzed as a search to fill this void, which goes beyond the substantial and necessary, and extends to the unsuccessful attempt to reach eternal happiness, unconsciously returning to the stage prior to castration.

Keywords: Consumption. Discourse. Language. Subject. Psychoanalysis.

¹ Artigo originalmente apresentado como trabalho de conclusão de curso da Pós-Graduação em Fundamentos da Clínica Psicanalítica pela Faculdade Maria Thereza (FAMATH).

² Professor e psicanalista. Especialista em Linguagens e o Mundo do Trabalho pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Especialista em Fundamentos da Clínica Psicanalítica pela Faculdade Maria Thereza, (FAMATH). E-mail: alanculturarte@gmail.com

³ Psicólogo. Psicanalista. Doutor em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Coordenador da Pós-Graduação em Fundamentos da Clínica Psicanalítica (FAMATH). E-mail: maycon.torres@mariathereza.com.br

Resumen: El objetivo de este texto es hacer una posible asociación teórica entre las ideas de consumo y el concepto de falta en psicoanálisis. Con el apoyo de la literatura psicoanalítica y de la estructura del discurso del sujeto en cuanto a la relación de consumo, se hizo una inmersión en la discusión del lenguaje y del inconsciente para identificar la relación psíquica que dialoga con la práctica del consumo cotidiano y sus manifestaciones sociales y éticas. El propósito es comprender mejor la estructura del discurso simbólico capitalista y proporcionar algunas posibles respuestas sobre las manifestaciones de cada sujeto. Se cotejó la identificación inmediata del ciclo de consumo del sujeto como una búsqueda para llenar ese vacío, que va más allá de lo sustancial y necesario, y se extiende al intento, sin éxito, de alcanzar la felicidad eterna, volviendo inconscientemente a la etapa anterior a la castración.

Palabras clave: Consumo. Discurso. Lenguaje. Sujeto. Psicoanálisis.

INTRODUÇÃO

Um dos desafios clínicos contemporâneos são os sintomas associados ao consumo, que compreendem desde o uso de drogas e medicações até vícios em jogos e aparelhos eletrônicos. O comportamento de adição não é exclusivo da contemporaneidade, tendo registros ao longo da história da medicina. Entretanto, é possível estabelecer uma correlação do aumento destes sintomas em diferentes quadros clínicos e na população geral. A orientação psicanalítica não identifica nestes sintomas diagnósticos estruturais específicos; são compreendidos como fenômenos clínicos enquanto posição subjetiva em relação ao gozo (TORRES; VIDAL, 2020).

O consumo é intrínseco à sobrevivência. Uma forma de vida, no nível orgânico, exige o consumo de outros componentes para sua sobrevivência. A especificidade do ser humano, enquanto ser falante, revela sua retirada do campo da natureza, pois suas necessidades não se restringem ao campo orgânico. Emerge a dimensão do desejo esboçado nas margens da demanda rasgada da necessidade. A condição humana é ter sua natureza desnaturalizada pelo simbólico, que cria um apelo incondicional na relação com o Outro da linguagem. Instala-se, desta maneira, “forma da possível falha que a necessidade pode aí introduzir, por não haver satisfação universal (o que é chamado de angústia)” (LACAN, 1998, p. 828).

O consumismo pode ser definido como efeito de um comando, de um discurso de mestria. A urgência da satisfação de uma necessidade impõe ao sujeito uma forma de relação com o objeto marcadamente pela insatisfação e o reflexo de um consumo abusivo, sempre dependente de maiores quantidades. É na impossibilidade de satisfação que a demanda se desgarra do orgânico e articula-se no campo discursivo. A teoria lacaniana dos quatro discursos apresenta o discurso como uma forma de aparelhamento de gozo e uma produção de laço social específica. Como característica das sociedades atuais, tais sintomas podem ser lidos como efeito do Discurso do Mestre e do Discurso do Capitalista (LACAN, 1992).

O objetivo deste trabalho é refletir sobre a temática relacionada ao consumo contemporâneo associado ao Discurso do Capitalista no contexto de um “discurso dos mercados” conforme proposto por Lacan (1992). Este ensaio teórico objetiva pensar a forma de experiência do desamparo inerente ao sujeito humano e a relação com o consumo.

A TEORIA DOS QUATRO DISCURSOS

Lacan (1992) estabeleceu a teoria sobre os quatro discursos permeados pelos acontecimentos turbulentos na cultura e na política ocidental em 1968. Criou uma estrutura conceitual que entrelaçava o que se compreendia como da ordem da subjetividade tal qual apresentada na clínica psicanalítica e nos processos culturais e históricos. Os discursos “são do que a articulação significante, o aparelho, cuja mera presença, o status existente, domina e governa tudo o que eventualmente pode surgir de palavras. São discursos sem a palavra, que vem em seguida alojar-se neles” (LACAN, 1992, p. 158-159).

Os quatro discursos estruturam-se a partir de quatro lugares fixos apresentados como o agente, o Outro (saber), a verdade e a produção, que são ocupados por quatro termos, sendo eles S1, S2, \$ e a. A leitura deve ser no sentido de giro a partir do lugar de agente ao Outro e cada discurso se diferencia pela mudança dos termos e a relação do sujeito ao Outro parte do lugar do agente (TORRES; VIDAL, 2020). O Discurso do Mestre, sendo o primeiro discurso, também representa o próprio inconsciente. Sua base constitui-se a partir de um sujeito definido como sujeito barrado (\$), que é representado por um significante S1 para outro significante S2, deixando um resto (a), um “saldo”, real, aquele que escapa ao simbólico e ao imaginário, da estrutura real-simbólico-imaginário (RSI), como bem salientado por Néstor Braunstein (2010).

O discurso na psicanálise é, por definição, produtor de laço social e fica estabelecido que sua forma estrutura-se de quatro maneiras diferentes, de tal modo que cada discurso produz uma forma de laço social específica. O Discurso do Analista (DA) é o avesso do Discurso do Mestre (DM), pois no lugar de agente do discurso está o objeto a como causa de desejo e não o significante mestre (S1). Por ocupar lugar de agente, o analista se oferece como causa de desejo fazendo o semblante do objeto. Além disso, “é importante ressaltar que o discurso do analista é o único laço social que trata o outro como sujeito” (BADIN; MARTINHO, 2018, p. 146).

Em 12 de maio de 1972, Lacan (1978) proferiu uma conferência a respeito do discurso analítico e fez referência ao Discurso do Capitalista (DC), estabelecendo sua relação estrutural com o Discurso do Mestre. O mestre moderno é o capitalista, na medida em que ocorre uma modificação no lugar do saber. Isto também se refere a um uso específico da linguagem que ocorre na direção de um movimento totalizante, do significante como Um e não como o que representa o sujeito para outro significante. Outro aspecto a ser destacado é a relação que a ciência moderna, caracterizada pela matematização e ação sobre o real, estabelece com o Discurso do Capitalista ao favorecer um modo de apreensão organizável do gozo. Isto se dá a partir do saber que se insere em um mercado, denominado de mercado de saber. A consequência é o processo de homogeneização do sujeito que, por definição, está entre dois significantes, mas reduzido a traços identitários (LACAN, 2008b).

No Discurso do Universitário, o significante mestre ocupa o lugar da verdade, na medida em que, na ciência, toda pergunta sobre a verdade é silenciada. O agente é o S2 que ocupa a posição de uma “pretensão insensata” (LACAN, 1992, p. 166), pois o que produz é um sujeito como ser pensante que ignora sua causa e nunca como senhor do saber. Existe a expectativa de criar um saber sobre o objeto a, como algo possível de ser manipulado. Não é sem motivos que o DU, junto da ciência, engendra pequenos objetos tecnológicos (*gadgets*) que capturam o desejo. Assim, a verdade neste discurso é tomada pelo comando do signo do mestre: “o S1 do mandamento *Continua a saber* – [que]

pode velar, sobre o que este signo, por ocupar esse lugar, contém de enigma, sobre o que é este signo que ocupa tal lugar” (LACAN, 1992, p. 98).

Essa aproximação dos discursos reflete um contraponto excludente. Apesar das analogias feitas na formulação entre o DC e o DU tanto no discurso dos mercados quanto no Discurso do Analista, percebe-se que o sujeito contemporâneo organiza-se através de um ou outro. O analista contemporâneo é convidado a trabalhar com a relação extremamente complexa entre o subjetivo singular, que permeia o próprio sujeito, o particular do sofrimento, e o geral do grupo na sociedade, que tende à totalização. O que deve estar posto é que o DA dá lugar a uma relação com o saber que não é externo ao sujeito, mas produto de sua experiência: “O que se pode saber é solicitado, no discurso do analista, a funcionar no registro da verdade” (LACAN, 1992, p. 101).

Faz-se necessário o estudo, na psicanálise como método, destes atravessamentos que se desenvolvem nos meandros dessa dificuldade de articulação. Com isso, a psicanálise deve considerar a clínica em cada momento histórico, diante de uma análise crítica do panorama avaliado. No contexto atual, o capitalismo selvagem, que utiliza o desejo como forma de controle social, revela um mal-estar. Ocorrem incidências perversas, esse fascínio pelo que é proibido, como dizia Freud (2010), em *O mal-estar na cultura*, diante do sujeito do inconsciente (MAGALHÃES; SUSSUARANA, 2013).

O consumismo fez uma gestação de síndromes e transtornos no *Manual Estatístico de Diagnóstico dos Transtornos Mentais* (DSM-5), que nos diz de uma pulsão de morte através de comportamentos compulsivos mais diversos no mundo contemporâneo, compulsões de objetos de consumo, sob a égide das pulsões parciais, na relação de consumir e ser consumido. A psicanálise, com isso, deve situar-se em uma postura crítica em torno do contexto atual, através das suas ferramentas teóricas pautadas na prática clínica. Constata-se uma posição lógica em que o sujeito se faz consumir frente aos objetos fornecidos pela ciência e pelo mercado e entre estes objetos estão não só as moléculas das substâncias químicas dos medicamentos, mas, também, as palavras classificatórias de diagnósticos: “o objeto-produto passa a ser o que causa o desejo no sujeito, dessa forma, o sujeito começa a fazer laço social com este objeto-produto da ciência” (TEODORO; SIMÕES; GONÇALVES, 2019, p. 3).

A TEIA ENTRE O DESEJO E O GOZO

A Revolução Industrial traz a gestação do consumo na sua estrutura mais inerente, pois o inaugura não como um desejo do sujeito, mas sim pela sua necessidade de adaptação e sobrevivência. O consumo, que sempre esteve ligado à sobrevivência, tem se transformado dentro de uma teia de sintomas pós-contemporânea nutrida por uma busca ao gozo. O consumismo parece nascer da falta de um objeto de satisfação e felicidade plena, perdido na castração, que vai gerar uma angústia, um mal-estar existencial que leva o sujeito a buscar consumir cada vez mais. O consumo agora não se restringe à sobrevivência, mas opera como tentativa de preenchimento deste vazio gerado pela castração. Evidentemente, esse espaço não pode ser preenchido nem pelas religiões nem pelo capitalismo, o que vai acarretar novos sofrimentos sociais e psíquicos, mantendo o sujeito nas amarras do gozo, essa repetição pelo sofrimento, em que o desejo se acortina. A fantasia de prolongamento da felicidade e do prazer é capaz de manter o próprio modo de operação consumista e controladora do capitalismo. Quando se refere a esse vazio, entende-se o espaço que sobra entre a separação da ideia e o afeto, no momento da castração, que faz o

sujeito repetir os seus sintomas, numa tentativa de preencher plenamente esse espaço. É neste ensejo que Lacan (2008b) entende o sintoma como um modo de mais-de-gozar, uma resposta à falta constitutiva corporificada pela operação da castração. Um gozo pleno está remetido ao real enquanto impossível e o que resta ao sujeito é sua articulação com a linguagem.

A relação entre o consumo e a pulsão, especialmente ao objeto oral e às fantasias de devorar do sujeito, confirma uma colisão inconsciente do “consumismo à consumição”, levando o sujeito da posição de consumidor à de objeto a ser consumido. O DC permite acesso a formas de gozo que não mais se submetem ao registro simbólico da linguagem e o sujeito reduzido a seu corpo é consumido pelo próprio gozo (LACAN, 1978). O tratamento da questão do consumo pela ética da psicanálise deve levar a proposta de que “o valor de uma coisa é a sua desejabilidade, ou seja, trata-se de saber se ela é digna de ser desejada, se é desejável que a desejemos” (LACAN, 1988, p. 24). O consumismo traz consigo a ideia do desejo e da felicidade plena, estruturada exatamente na construção psicanalítica do desejo pela falta. Isso gera uma relação sintomática com o próprio mundo, já que o desejo de consumir acaba gerando o desejo de ser consumido, num sintoma que acaba gerando toda essa teia de desejo e gozo (ROSA, 2010).

É interessante pensar também sobre o laço entre os significantes da religião e do capitalismo. Pois parece que o sistema capitalista contemporâneo tem uma premissa muito próxima à religião, enquanto significante de preenchimento do vazio. A religião é uma ilusão que se sustenta no anseio pelo Pai para defesa contra as forças da natureza junto, ainda, do anseio de retificar as limitações da cultura (FREUD, 2010). Diante disso, trata-se de um significante religioso em que, se de um lado, a religião parece querer dar um sentido ao mundo ou ao real, que é impossível de se representar, por outro lado ela parece se escorar na fantasia de um assujeitamento do sujeito. Sublinha-se fantasia porque o sujeito persiste, mesmo sendo negado.

O retorno à barbárie é uma possibilidade que envolve o ser humano na condição de ser ameaçado em seu narcisismo. Ele é convocado a lidar com sua posição de desamparo. A violência atual acentua-se na sociedade, espremida pelos excessos do capitalismo, e na esfera do valor pelo que se tem, o sujeito mergulha na pulsão de morte, ou via imersão medicamentosa da indústria farmacêutica. Ou, ainda, no consumo desenfreado e em deslocamentos compulsivos, os quais se tornam também suplementos ineficazes.

No capitalismo, são os operários, proletários, que substituem o escravo. Na nova tirania, o que se altera? Com o aumento das inovações tecnológicas, objetos funcionais e cada vez menores, trazem dispositivos portáteis (novos servos), que às vezes até nos remetem à toxicomania, tamanha é a exclusividade com que o sujeito se relaciona com esses *gadgets* (FERREIRA, 2019). Porém, por outro lado, estão condenados a serem descartáveis na sociedade capitalista, o que nos remete ao discurso de mercado e à tentativa de concretizar o objeto *a*.

Na sociedade líquida,⁴ onde tudo escapa, o que escapa gera ansiedade, que novamente nos remete à angústia da castração. A proliferação de transtornos

⁴ Zygmunt Bauman (1925-2017) foi um sociólogo e filósofo polonês, professor emérito de sociologia das universidades de Leeds e Varsóvia. Em suas principais obras, *Modernidade líquida* (2000) e *Amor líquido* (2004), Bauman escreveu sobre o conceito de “relações líquidas” em que as relações amorosas deixam de ter aspecto de união e passam a ser mero acúmulo de experiências.

ansiosos corrobora a forma como os discursos contemporâneos tentam lidar com a angústia, que é estrutural para os seres falantes. A arte e a literatura versam sobre isso e a metáfora do poço de Edgar Allan Poe (2008) indica um real completamente despido. Na obra *O poço e o pêndulo*, o sujeito é preso e condenado à morte pelo Tribunal da Inquisição. Ele é jogado em um poço escuro, sem luz e sem comida, onde fica preso e sem saber seu destino. A metáfora do poço simboliza a incerteza, o medo e a sensação de desamparo que o protagonista sente em sua situação. O poço é um buraco, sem escapatória, em que a angústia irrompe por não haver furo, pela impossibilidade de um corte que atravesse a delimitação de dentro e fora.

No percurso de cada sujeito, as situações de desamparo e angústia sempre se fazem presentes. Porém, como neuróticos, os sujeitos recorrem à construção imaginária da infância para tentar reagir a essas situações. Busca-se um aconchego no mundo interno ou nas construções de imaginação simbólica: os laços sociais que o mundo externo oferece são partes estruturais destas construções.

Neste olhar, os laços estabelecidos para lidar com o desamparo psíquico mudam de acordo com a cultura atual e o momento histórico. A fantasia funciona como um filtro simbólico-imaginário para recobrir a insuportabilidade do real. Ao mesmo tempo que permite ver, a fantasia cega o sujeito ao tomar como referência um ideal de satisfação estruturalmente impossível. Estariam os seres humanos ainda buscando o néctar dos deuses?

Em *O mal-estar na cultura*, Freud (2010) apresenta a ideia de felicidade no seu conceito mais ambíguo. “O sentimento de felicidade originado da satisfação de um impulso selvagem, não domado pelo eu, é incomparavelmente mais intenso do que aquele que resulta da saciação de um impulso domesticado” (FREUD, 2010, p. 24). Do mesmo modo, é categórico ao afirmar que a felicidade do ser humano não está prevista nos planos da natureza. Toda cultura engendra um mal-estar, efeito da insatisfação pulsional, ao mesmo tempo que a própria cultura, como efeito das construções humanas, tenta oferecer respostas ao padecimento. Frente aos diferentes tipos de impossibilidades do real, em especial a restrição de prazer e o envelhecimento do corpo, a ciência oferta objetos cada vez mais potentes e eficazes e a religião aumenta suas promessas a respeito de um futuro de prosperidade.

Toda a estrutura do sistema atual tem um jogo de amarras que visa, primeiramente, a alimentar a cadeia de poder, através da sedução de ofertar o consumo em troca da felicidade e, por outro lado, busca satisfazer esses impulsos mais perversos. Nesse jogo, podemos identificar todo o investimento libidinal que o sujeito articula para aplacar a falta, o vazio e a sua condição de angústia em seus impulsos domesticados e éticos, já que o superego é a estrutura que vai incitar esse sujeito a mergulhar na relação de gozo, que é a satisfação de todos os impulsos. Nas sociedades de consumo está à mostra uma forma de gozo muito próxima da perspectiva perversa-fetichista. A criação de objetos de satisfação que servem como meio de gozo e esquiva da castração atualiza um sadismo superegoico em que o consumismo se torna uma resposta ao imperativo de gozar. Além disto, outra marca contemporânea, os sintomas pautados nos impulsos e nos atos, pode ser lido como uma paradoxal tentativa de fazer basta ao imperativo de satisfação (QUINTELLA, 2020).

Do ponto de vista do sujeito, é importante identificar o ponto em que se articula e se inicia todo esse processo, que Freud (2006a) chamou de repetição e sintoma, pois a estrutura social sempre dialoga através desse mecanismo da

ARTIGO

repetição que faz o sujeito desejar o consumo para preencher esse vazio da castração, esse vazio existencial e civilizatório, que nos torna sujeito do desejo. Ao mesmo tempo, é justamente na repetição que se abrem as possibilidades para a intervenção clínica, pois, ao repetir, o sujeito defronta-se com algo que é alteridade do próprio desejo inconsciente: cabe ao analista manejar a compulsão à repetição e colocá-la a serviço do tratamento.

O discurso do sujeito no capitalismo, ou o sujeito comum que atravessa a linguagem simbólica e direciona-o para um lugar de construção social imaginária, parte de um lugar em que se deu a escuta com o grande Outro, ou seja, a estrutura da linguagem comumente expressa pela família e a sua narrativa: “Quando alguém diz que a palavra me foge, por exemplo, supõe em primeiro lugar que a palavra esteja ali” (LACAN, 2002, p. 138). E assim, a fala articula-se dentro de uma intenção inconsciente e não consciente, buscando, de uma forma ou de outra, retornar ao estágio infantil marcado pela nostalgia narcísica.

No encontro oportuno com a ideia da felicidade, faz-se aqui um pilar extremamente ambíguo, já que a felicidade está permeada pelo prazer e pela dor, numa relação conflituosa emocionalmente, que nos remete à questão filosófica entre Eros e Tanatos, Amor e Morte, que sempre atravessou a humanidade. Isso significa que a pulsão de morte e a pulsão de vida estão intrincadas no sujeito, desde a sua linguagem elaborativa de um desejo até a satisfação desse impulso, através do consumo ou um objeto qualquer. “Do mesmo modo que a satisfação dos instintos é a felicidade, torna-se causa de muito sofrer se o mundo exterior nos deixa à míngua, recusando-se a nos saciar as carências” (FREUD, 2010, p. 23). Isso talvez explique o sintoma do consumismo exacerbado, um novo objeto comprado, comparado à sensação de infelicidade inerente à própria vida, trazendo o estado de felicidade.

O Discurso do Mestre, que faz gestar o Discurso do Capitalista como uma corruptela do mestre moderno, tratado nos últimos textos e seminários de Lacan, mostra que a realidade é sempre permeada pelo prazer, dado que ela, a realidade, tem a ver com o sintoma do próprio sujeito e não com a realidade estrutural que se apresenta. Eis então a psicanálise como a chave para furar o imaginário ao buscar a decifração do sintoma através do deslocamento via associação livre do discurso que desequilibra e que permite a emergência do sujeito do desejo em suas falhas. Assim, torna-se transparente que todo o arcabouço que se debruça sobre a questão do consumo gira em torno de que o valor dado ao objeto do consumo está relacionado à sua desejabilidade, desejo de tamponar a falta constitutiva do sujeito (LACAN, 1992).

A relação entre o sujeito e o seu objeto de consumo está intimamente ligada ao significante. Por esse motivo, esse enlace do sujeito com o consumismo vai além da cifragem do real e da sua matemática capitalista, e adentra o universo da sublimação. Na metáfora da esfinge “decifra-me ou te devoro” é onde se constata a relação angustiante do desejo desse Outro não decifrável e visto pelo sujeito. Esse Outro que trata de construir a rede de repetições (repetições como tentativas de elaboração) do sujeito desejante que não cessa de satisfazer as suas pulsões domesticadas, mas numa tentativa enlouquecida de dar sentido ao desejo desse Outro dotado de significantes incompreensíveis para o sujeito angustiado com a repetição e suas angústias.

No decorrer desta investigação sobre a dinâmica do capitalismo e seu discurso totalizante e pulsional, Lacan ressalta que “isso se consome tão bem que isso se consuma” (LACAN, 1978, p. 48). Diante disso, a estrutura alarga-se

cada vez mais para além do ciclo pulsional e do gozo, mas esse ciclo interage também com a ideia de “casamento” de algo que está enraizado, quase inerente à estrutura do sujeito no seu ato de consumir. Diz da função orgânica do capitalismo, que é construída na teia do consumo exacerbado, e que gera uma dívida, ainda maior e de forma oportuna, de culpa no sujeito, que o faz repetir o consumo em busca de aplacar a angústia, numa busca incessante e infinita pela felicidade. Existe um reforço do consumo pelas propagandas que instigam a compra, além da tendência do consumo exagerado de materiais. “Vale tudo para fazer consumir cada vez mais os objetos produzidos pelo capitalismo científico-tecnológico” (QUINET, 2012, p. 38).

Ressalta-se ainda que a busca pela felicidade não é algo contemporâneo. Desde os tempos da cosmogonia da filosofia grega os humanos tentam explicar e dar um sentido à vida, para conseguir buscar alguma forma de felicidade. Mas a partir dessas tentativas de significação da vida, descobriu-se que isso não levaria a uma felicidade eterna. Através da instigação de Freud (2006b, p. 80) “Por que é difícil para os humanos se tornarem felizes?”, percebe-se que o sofrimento e a angústia do ser humano são plurais, vão desde a força da natureza até a fragilidade do corpo diante da vida e os dispositivos sociais, que são responsáveis por prover politicamente as famílias, o Estado e a sociedade. A redução da felicidade ao prazer, característica das sociedades contemporâneas, reforça seu problema em um estatuto ontológico e incita ainda mais experiências de insatisfação.

Diante desta afirmativa, percebemos que o sofrimento humano é uma condição do próprio humano e não uma característica adquirida com a cultura e com a sociedade, e ainda, que esse sofrimento não pode ser anulado, negado ou negociado com as políticas de consumo, já que uma vez que é inerente à condição humana de sujeito, pode apenas ser transformado. Quando se tenta, de uma forma ou de outra, aplacar esse sofrimento, através da compulsão pelo consumo, inconscientemente, o que se quer é dominar a natureza completamente.

A formação orgânica do sujeito, como parte integrante da natureza, é sempre transitória e, por esse motivo, é imprevisível e inevitável nas suas manifestações de angústia. Como salientou Freud (2010), não se pode, em hipótese nenhuma, suprimir todo esse sofrimento; na melhor das hipóteses, apenas uma parte dele, a nossa própria experiência com o mundo nos trouxe esse ensinamento. A própria cultura torna-se uma forma de escudo de proteção desse sofrimento, e na sua ambiguidade, também se torna o mecanismo de agente agressor construindo esse sofrimento.

A narrativa que tange à cultura faz-se importante para pensarmos o elo de aproximação com o sujeito, pois talvez essa cultura explique o Cristianismo ter saído vitorioso sobre as religiões “pagãs”, e também explique, por um lado, a sua canonização e, por outro, a sua demonização, bem como a sua indiferença. O conceito da felicidade sempre esteve ligado a um Deus, ora na visão do politeísmo, ora na do monoteísmo. Aliás, será que seria possível vivermos sem um “Deus”, como uma força que, pelo menos no nosso imaginário, estivesse acima de todos, fora do nosso espaço e tempo? Diante disso, Lacan (1988, p. 379) nos adverte: “É na medida em que a alma fica insatisfeita que é preciso uma vida no Além, a fim de que esse acordo inacabado possa, de alguma maneira, não se sabe onde encontrar sua resolução”.

Aqui, fica claro esse imperativo prático da razão kantiana, trazendo uma separação importante entre o Bem supremo e o Bem moral do próprio sujeito. Porém, a diferença para a psicanálise é que Kant se debruça na razão da moral sem espaço para o gozo da psicanálise, já que sabemos que a moral da psicanálise está no superego, essa lei estrutural que condiciona as nossas ações, permitindo-nos sermos sujeitos desejantes, e que é estruturado pelo grande Outro. Lacan (1988) ainda nos diz que seria perigoso colocar a lei universal como um fim em si mesma, pois sendo esta lei perversa e com todos os sujeitos as seguindo e deixando de lado os sentimentos, a sociedade seria naturalizada, sem espaço para a produção da singularidade de cada sujeito.

O fato é que esse S1 hoje está ligado a esse novo capitalismo e suas formas de consumo selvagem, uma espécie de canibalismo da psique humana. Então, pelo que investigamos até aqui, sempre existiram formatos inabaláveis de se alcançar a felicidade, esse eterno lírio do campo perdido, esse axioma da plenitude: vezes por Deus, outra pela ciência, pelo capitalismo contemporâneo. Mas a busca é sempre sem êxito, e apostando na repetição pulsional do sujeito, que se lança a um objeto que jamais será encontrado, no máximo contornando o objeto como tintas em rascunhos.

Parece haver uma nova forma de o Discurso do Mestre, esse significante unário, apresentar-se pelo capitalismo contemporâneo, a de alimentar esse alicerce do desejo do sujeito, que se traduz em uma busca alienante de ser feliz: a do encarceramento das telas, através de milhões de informações diárias, tamponando a falta e consequentemente o desejo. E ainda, nutrindo o gozo, como algemas capazes de fazer sucumbir qualquer possibilidade de o sujeito desejar, ou seja, de certa independência para desejar. Quanto a essa busca alienante pela felicidade infantil:

O homem certamente se encontrará então em uma situação difícil: terá de reconhecer todo o seu desamparo, sua insignificância no mecanismo do mundo, não será mais o centro da criação e o objeto do cuidado terno de uma Providência bondosa. Ele estará na mesma situação da criança que deixou a casa paterna, tão aquecida e confortável. Mas não é verdade que o destino do infantilismo é ser superado? O homem não pode permanecer criança para sempre; ele precisa sair finalmente para a vida hostil. Pode-se chamar isso de educação para a realidade (FREUD, 2014, p. 122).

No século XXI, baseando-se na nova estruturação do capitalismo contemporâneo e sua ação sobre a produtividade e a eficácia extremas, tão massificada pelas mídias, discutiu-se a ideia de que os novos dispositivos móveis nos trariam uma nova concepção de relações sociais, tendo em vista a relação muito mais individualizada pela qual os sujeitos se articulam, com poucos grupos, sem rodas de conversas, sem tribos, sendo substituídos por salas virtualizadas, poucos oralizadas. Mas isso não se tornou um fato, já que as pessoas passaram a se relacionar novamente em tribos virtuais, em bolhas, sem espaço de abertura para as diferenças contidas no mundo virtual e as suas vastas contradições. E isso parece ser exatamente a margem criada pelo sistema capitalista pós-contemporâneo (podemos chamar também de neoliberalismo). E não só, margens criadas por nós também, pelo medo da angústia de desejar, que através dessas salas virtuais e os algoritmos, impedem o sujeito de sair das margens do seu próprio gozo, e buscar o desejo na falta, que só pode ser constituída na diferença da narrativa, fora das salas e das bolhas dos algoritmos, onde se produz o furo e, consequentemente, uma ressignificação dos nossos desejos.

Dentro dessa teia de códigos virtuais, é possível habitar inúmeras moradias, há um enorme espaço para o imaginário, inclusive um medo, que apesar de nos manter vivos e ser importante para o nosso estado de conservação, acaba por se estender ao próprio desejo, no medo insuportável de ter desejo. E se camufla a angústia de desejar com o gozo pelo preenchimento inacabável de informações diárias, instantâneas e esvaziadas de conhecimento, informações estas sempre com novos adereços de fantasias de completude, esse sentimento oceânico de Freud (2010). Esse gozo apresenta-se como uma autofagia, em que, em vez de se degradarem os componentes das células, degradam-se os componentes do desejo, a angústia e a falta.

As plataformas de aplicativos e redes sociais intensificaram-se com a pandemia de COVID-19, suscitando uma batalha particular entre a linha tênue que dividiu o sentimento de solidão e da solidão de cada sujeito. Hoje, no pós-pandemia, percebe-se não haver mais quase ninguém disposto a esperar as informações e ações, existe uma pressa avassaladora e inexplicável pelo encontro com o sentido, que sabemos que não há, por completo ou o tempo todo. E, por outro lado, as telas de cárceres privados, que nós mesmos nos sentenciamos, remetem-nos a essa janela de assujeitamento. As redes sociais e os *gadgets*, atualmente, funcionam pela permissão dos sujeitos de fixar suas informações publicamente, como se fossem janelas, na espera de um novo encontro, uma imagem ou algo perdido nas noites gélidas. Sobre isso, a psicanalista Maria Homem (2020) advertiu:

O ano de 2020 nos abriu a famosa janela de oportunidade — eu ainda diria de fato uma porta de oportunidade, aquela que se atravessa. Janela é lugar de onde se olha. E se você fica olhando muito, sempre vai ter mais uma vizinha ou uma intriga interessante para observar e assim você vai passar décadas com o umbigo na mesma janela (HOMEM, 2020, p. 21).

O sentimento oceânico está sempre presente nessa escadaria do paraíso que muitos sujeitos insistem em percorrer. Freud (2010, p. 10) ainda nos diz: “Com base apenas nesse sentimento oceânico alguém poderia considerar-se religioso, ainda que rejeitasse toda fé e toda ilusão”. Isso nos traz a ideia de que o ser humano tem uma tendência e uma necessidade imaginária de acreditar em algo que dê um suporte a esse desamparo fundamental da nossa existência.

Ainda mergulhado no Discurso do Mestre, reflete-se sobre esse sentimento inabalável de completude, essa flâmula erguida insistentemente com um pedido de socorro, na tentativa de se desprender das amarras do caos que a vida nos apresenta todos os dias. O DM continua presente, já que a pandemia nos trouxe enormes desafios que ainda não tínhamos experimentado enquanto sociedade. Algumas pessoas, por terem bons empregos e bons espaços de convivência, puderam trabalhar de casa, nos seus aparelhos ultramodernos e seus trabalhos pouco braçais. Outros, num contraste brutal de desigualdade social como nunca antes, tiveram que sair às ruas, exporem-se ao Real e à realidade quase desprovidos de qualquer fantasia que os sustentassem dentro de ônibus, no trem, nas motos entregando comidas, etc. E o interessante é que os que puderam ficar em casa (privilegiados nesse contexto), na expectativa de ser o melhor para todos, agarraram-se na ideia da economia para solução dos problemas que enfrentávamos. Dito isto, a realidade como tentativa de circunscrever com o simbólico e o imaginário o irrepresentável do Real desvelou no período pandêmico o sem sentido subjacente às organizações sociais.

Ou seja, o DM pautou todo o processo de transformação dos laços sociais, já que muitos, tendo em vista esse significante e acreditando nesses sentimentos de completude ao desamparo avassalador que se instalou em cada lar, preferiram tentar eliminar o objeto principal ou negá-lo, ao não acreditar no grave problema de saúde que se instalou, trazendo a economia no lugar de mestre como a verdade única do discurso. E aqui se resgata uma leitura importantíssima de Lacan (1988), a partir de um contraponto às ideias de Kant, quando nos adverte: “mostra que se essa lei perversa (lei universal) for seguida por todos em uma sociedade, esta será uma sociedade natural. Natural, pois a singularidade de cada pessoa, toda a esfera dos sentimentos, seria negada” (DALBONE; BASTOS, 2009, p. 4).

Percebe-se que, para Lacan, não se pode criar uma lei universal, a partir da razão da moral, eliminando os sentimentos, já que se corre o risco de que esta lei reduza o sujeito ao lugar de objeto, como no caso da pandemia em que expressou-se pela tentativa de salvação da economia por meio do assujeitamento generalizado. O que Lacan (1988) tenta nos revelar é que por trás dos véus da moral há também o gozo, o que escapou a Kant.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que se refere à ausência e ao desejo pela falta, o sujeito desenrola-se em cadeias de significantes através dos discursos de mercado nas sociedades capitalistas. O lugar de saber da verdade no Discurso do Capitalista, assim como no Discurso do Universitário, coloca o sujeito frente a uma incorporação de significantes que formam uma teia em que as escolhas subjetivas são capturadas pelas incidências da realidade cultural e econômica. Será no espaço de uma análise que este sujeito poderá optar por ressignificar sua experiência através da elaboração em um laço social pautado não pelo gozo, mas por sua extração discursiva. Aposta-se na construção de maneiras de se haver com o sofrimento psíquico e questionar a adesão à mercadologia psíquica através do consumo. A travessia em análise possibilita mergulhar no circuito pulsional que não é naturalmente dado, pois há uma montagem junto às injunções culturais (LACAN, 2008a), de modo a problematizar a permissividade em um sistema perverso de dispositivos de manipulação.

A prática psicanalítica tornou-se importante para a ampliação do trato com o sofrimento psíquico gerado pelo alto consumo e a condição de objeto do sujeito no campo relacional, ao operar como resistência ao processo hegemônico que tende a desdobramentos diversos e patológicos de novas formas de sofrer, suficientes para que o sujeito não precise evitar o sofrimento preenchendo todas as suas angústias. A psicanálise que se sustenta em uma ética e não apenas em uma técnica questiona também a promessa de eficácia e resolutividade das psicoterapias que almejam um ideal, escamoteando o sujeito e o gozo para fora da prática clínica. Parece não ser coincidência a nova expansão das técnicas de treinamento e aconselhamento ser correlata ao crescimento da adesão a discursos religiosos que, por sua vez, prometem resolução e apaziguamento da angústia.

Na sociedade líquida e de traços perversos que embota o desejo e retoma a condição do desamparo constituinte ao humano, há um enlace entre a frustração constitutiva do sujeito e a sua relação pulsional com a falta. E é a partir deste caminho, desta fechadura, que a psicanálise deve intervir na busca pelo estreitamento entre o que se deseja e o que se busca preencher. Para isso,

a abordagem psicanalítica deve também se esvaziar do saber que ocupa e da sua característica elitizada que a fez, em alguma medida, afastar-se de algumas questões sociais estruturais de cada sociedade para, a partir disso, mergulhar nas amarras individuais de cada sujeito. Em alguma medida, a psicanálise nasce também pelo fracasso da razão em dar conta do mundo, com seu conceito de indivíduo das verdades externas.

REFERÊNCIAS

- BADIN, R.; MARTINHO, M. H. O discurso capitalista e seus gadgets. *Trivium*, v. 10, n. 2, p. 140-154, 2018. Disponível em: <<https://dx.doi.org/10.18379/2176-4891.2018v2p.140>>. Acesso em: 10 ago. 2023.
- BRAUNSTEIN, N. A. O discurso capitalista: quinto discurso? O discurso dos mercados (PST): sexto discurso? *A Peste: Revista de Psicanálise, Sociedade e Filosofia*, v. 2, n. 1, p. 143-165, 2010. Disponível em: <<https://www.academia.edu/download/46822355/12079-28950-1-SM.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2023.
- DALBONE, A.; BASTOS, A. Moral kantiana e ética da psicanálise. *Arq. Bras. Psic.*, v. 61, n. 2, p. 1-6, 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672009000200005&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 10 ago. 2023.
- FERREIRA, A. V. Clínica psicanalítica da toxicomania: reflexões teóricas e manejo clínico. *Revista ECOS*, v. 9, n. 2, p. 212-226, 2019. Disponível em: <<http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/2819/1654>>. Acesso em: 10 ago. 2023.
- FREUD, S. Além do princípio do prazer. In: FREUD, S. *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 18). Rio de Janeiro: Imago, 2006a. (Obra originalmente publicada em 1920).
- FREUD, S. *O futuro de uma ilusão*. Porto Alegre: L&PM, 2014. (Obra originalmente publicada em 1927).
- FREUD, S. *O mal-estar na cultura*. Porto Alegre: L&PM, 2010. (Obra originalmente publicada em 1930).
- FREUD, S. Psicologia de grupo e análise do ego. In: FREUD, S. *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 18). Rio de Janeiro: Imago, 2006b. (Obra originalmente publicada em 1921).
- HOMEM, M. *Lupa da alma: quarentena-revelação*. São Paulo: Todavia, 2020.
- LACAN, J. *Du discours psychanalytique: conférence à l'université de Milan*. Lacan in Italia. 1978. p. 32-55. Disponível em: <<http://ecole-lacanie.net/wpcontent/uploads/2016/04/1972-05-12.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2023. (Conferência originalmente proferida em 1972).
- LACAN, J. *O seminário (Livro 7): a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988. (Originalmente proferido em 1959-1960).
- LACAN, J. *O seminário (Livro 8): a transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2016. (Originalmente proferido em 1960-1961).
- LACAN, J. *O seminário (Livro 11): os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008a. (Originalmente proferido em 1964).
- LACAN, J. *O seminário (Livro 16): de um Outro ao outro*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2008b. (Originalmente proferido em 1968-1969).
- LACAN, J. *O seminário (Livro 17): o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992. (Originalmente proferido em 1969-1970).

ARTIGO

LACAN, J. Subversão do sujeito e dialética do desejo. In: LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. (Originalmente escrito em 1960).

MAGALHÃES, A.; SUSSUARANA, A. O espectro perverso na sociedade narcísica. *Revista aSEPHallus*, v. 8, n. 16, p. 68-87, 2013. Disponível em: <<https://www.doi.org/10.17852/1809-709x.2019v8n16p68-87>>. Acesso em: 10 ago. 2023.

POE, E. A. *O poço e o pêndulo*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2008.

QUINET, Antonio. *Os outros em Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

QUINTELLA, R. O desmentido em questão na psicanálise contemporânea. *Analytica: Revista de Psicanálise*, v. 9, n. 17, p. 1-24, 2020. Disponível em: <<http://www.seer.ufs.edu.br/analytica/article/view/4223>>. Acesso em: 10 ago. 2023.

ROSA, M. Jacques Lacan e a clínica do consumo. *Psic. Clin.*, v. 22, n. 1, p. 157-171, 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pc/a/tWMWvkkBBPsR8KDn3JhhCGC/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 10 ago. 2023.

TEODORO, E. F.; SIMÕES, A.; GONÇALVES, G. A. Sofrimento psíquico na atualidade: dos gadgets ao sujeito (con)sumido. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 35, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0102.3772e35437>>. Acesso em: 10 ago. 2023.

TORRES, M. R.; VIDAL, P. E. V. Clínica psicanalítica e segregação em dispositivo de internação para usuários de álcool e outras drogas. *Polêm!ca*, v. 20, n. 1, p. 43-63, 2020. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/55976>>. Acesso em: 10 ago. 2023.